

REPENSAR O ENSINO DE GEOGRAFIA: PORTFÓLIO COMO UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO FORMATIVA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Rethinking Teaching Geography: portfolio as an instrument to formative evaluation in teaching-learning process

Carla Adriane Lopes Gomes Navas¹

Margarida de Cássia Campos²

Resumo

Esse artigo apresenta uma proposta interativa e criativa sobre o uso do Portfólio no Ensino de Geografia. O objetivo principal é construir e reconstruir o Portfólio como um instrumento de avaliação formativa, autoavaliação e/ou recuperação paralela do processo ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia. A avaliação formativa é aquela que ajuda o educando a aprender e a se desenvolver, ou seja, o docente pode e deve acompanhar todos os passos de seus educandos durante o processo de ensino-aprendizagem e auxiliá-los no percurso escolar a fim de contribuir para que todos possam alcançar, com sucesso, as aprendizagens pretendidas. Partindo desse princípio, a avaliação formativa é um ponto de partida para as novas aprendizagens, ou seja, integra-se na perspectiva de um ensino diferenciado. Nesse caso, é através da construção do portfólio, que o docente terá possibilidades de acompanhar o desenvolvimento do raciocínio geográfico, por meio das relações possíveis entre o conhecimento científico da ciência geográfica e os saberes cotidianos construídos pelos alunos. Sendo assim, este estudo propõe a metodologia da pesquisa – ação como uma alternativa para a articulação entre a teoria e a prática. Essa escolha integra os objetivos de se desenvolver uma investigação científica e a necessidade de se vivenciar na prática o uso do portfólio como um instrumento de avaliação formativa no ensino de Geografia.

Palavra-chave: Ensino de Geografia; Avaliação Formativa; Portfólio.

Abstract

That article presents a creative and interactive proposal about the use of the Portfolio in the Education of Geography. The main objective is going to build and reconstruct the Portfolio as an instrument of formative evaluation, self-assessment and/or parallel recuperation of the trial teaching-learning in the discipline of Geography. The formative evaluation is that helps him educating it learn how and to develop, or be, the educational one is able to and should accompany all of the paces of his students during the trial of education-learning and help them in the school journey in order to contribute for that everybody can achieve, successfully, the learnings intended. Starting from that beginning, the formative evaluation is a starting point for the new learnings, or be, integrates-itself in the perspective of an education differentiated. In that case, is through the construction of the Portfolio, that the educational one will have possibilities of accompany the development of the geographical reasoning, by means of the possible relations between the scientific knowledge of the geographical science and you will know them routine built by the students in school situations. Being

¹ Geógrafa. Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina e Especialista em Educação: Atendimento às Necessidades Especiais pela UNIVALE. Professora da Rede Pública Estadual de Londrina-PR. E-mail: gomesnavas@gmail.com

² Geógrafa. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta A do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mcassiacampos@hotmail.com

like this, this I study proposes the methodology of the research – action as an alternative for the articulation between the theory and to practical. That choice integrates the objectives of develop a scientific inquiry and the need of be experienced in the practical one the use of the Portfolio as an instrument of formative evaluation in the education of Geography.

Keywords: Teaching Geography; Formative Avaliation; Portfolio.

INTRODUÇÃO

Avaliar é uma ação permanente da vida cotidiana, portanto, em todos os momentos da nossa vida e no dia a dia, estamos avaliando ou sendo avaliados. No ambiente escolar não é diferente, na medida em que a vida na escola não está separada da sociedade.

Carvalho e Filizola (2005, p.23) afirmam “que a avaliação está no contexto, ou melhor, no dia a dia, na vida do aluno, mas também do professor, na comunidade próxima á escola. Em outras palavras, a avaliação está presente em todos os momentos da nossa existência”.

O processo de avaliação escolar está presente no cotidiano de todos os sujeitos e tem como intuito e objetivo melhorar a compreensão daquilo que se ensina e daquilo que se aprende. E, tão importante quanto o resultado da avaliação escolar, é saber quais as ações, as estratégias e os procedimentos pedagógicos necessários de acordo com os objetivos propostos pelo docente, visando atingir os resultados satisfatórios durante o processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa, que resulta neste artigo, surgiu da inquietação diante das reclamações de professores de todas as disciplinas, principalmente os professores de Geografia, a respeito do desempenho e dos resultados obtidos pelos alunos nas avaliações realizadas nos anos anteriores e nos altos índices de reprovação na disciplina de Geografia. Por esse motivo, o objetivo deste ensaio é propor uma alternativa de avaliação mais interativa e formativa com o uso do Portfólio.

Este instrumento avaliativo será constituído de diferentes tipos de atividades e materiais pedagógicos que poderão contribuir para o processo avaliativo, considerando as diferenças individuais e a realidade do contexto escolar, promovendo o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008) a avaliação do processo ensino-aprendizagem no ensino de Geografia, deve ser formativa, diagnóstica e processual, podendo ser realizada tanto como meio de diagnóstico do processo, quanto como instrumento de investigação da prática pedagógica, é essencial então saber por meio do resultado desta, se determinada aprendizagem teve sentido e qual é esse sentido.

Em razão do exposto, a questão será: Como é possível inserir positivamente uma avaliação interativa e formativa, recorrendo ao uso do Portfólio como um instrumento que favoreça o acompanhamento, a retomada e o desenvolvimento do raciocínio geográfico, utilizando diferentes linguagens na Geografia Escolar?

Buscar-se-á responder tal questão, tendo em vista que para o professor deve estar bem definido: Quem é o sujeito que avaliamos? Como estamos avaliando? Quando estamos avaliando? Por que avaliamos? Quais os instrumentos avaliativos que devemos priorizar? Quais os critérios que devemos estabelecer?

Pensando nisso, dentre as diferentes estratégias de pesquisa que podem ser utilizadas, a metodologia da pesquisa – ação foi a mais adequada, pois estabelece uma articulação entre a teoria e a prática no contexto escolar. De acordo com Thiollent (1988), a metodologia da pesquisa- ação representa uma pesquisa de caráter social, com embasamento empírico, apresentando uma associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo. Dessa forma, os pesquisadores e os participantes envolvidos com o problema trabalham de forma cooperativa. Fica evidente, que esta metodologia de pesquisa pode estar associada a uma estratégia de intervenção participativa, problematizada e contínua, e pode ter por objetivo a mudança, a produção de conhecimentos, a resolução de problemas, entre outras características.

PENSAR E REPENSAR O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Como pensar e repensar sobre a complexidade do contexto da avaliação escolar hoje na disciplina de Geografia? Faz-se necessário então, refletir sobre o processo de ensinar e aprender na sociedade atual, visto que, o processo ensino-aprendizagem vai além da transmissão de conhecimentos pelo docente. Ou seja, é imprescindível que o docente elabore novas estratégias e possibilidades para que a produção e a construção do conhecimento geográfico ocorra efetivamente no contexto escolar.

Pensando nisso, a escola precisa desempenhar o seu papel como mediadora do conhecimento. Dessa forma, o professor assume o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno. Essa busca pelo conhecimento visa á promoção humana e a transformação da realidade.

Por isso, Castrogiovanni (2007, p.22) assevera que:

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiências de vida, com curiosidades sobre o mundo em que vive capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como mero receptor de verdades absolutas, mas como sujeito que cria que pode transformar e tecer dúvidas.

Nesse sentido, Pérez Gómez (2000, p.87) corrobora:

Somente se pode transformar significativamente o conhecimento que a criança utiliza, ou o indivíduo adulto, quando ela mesma mobiliza seus esquemas para interpretar a realidade. Por isso, a comunicação na aula deve começar respeitando e mobilizando os esquemas de pensamento, sentimento e ação de cada indivíduo e cada grupo.

O ensino é, portanto, o resultado de um conjunto de ações individuais e coletivas, não depende exclusivamente do professor, assim como a aprendizagem não é restrita ao educando, ou seja, o processo ensino- aprendizagem resulta da presença de um lado, do professor e, de outro, do aluno, apesar das diferenças que os separam, ambos estão fortemente interligados ao processo escolar.

Callai (2003, p. 57) reforça:

Ao ser estudado, tem de se considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (parte do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e em muitas vezes inacessíveis) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou fragmentação do espaço.

Em razão do exposto, percebe-se que o ato de ensinar faz parte do processo educativo vivenciado por um professor, aquele que domina com a sua experiência teoria e prática, uma determinada área do conhecimento, cria possibilidades para a produção de conhecimentos e tem a responsabilidade de motivar e incentivar todo o processo de ensino-aprendizagem. Já o ato de aprender, compreende-se que é o processo pelo qual o sujeito aprende, aprende, descobre e assimila um conhecimento ou uma habilidade específica.

No que concerne à questão do ensinar e do aprender, é essencial conhecer quem é esse sujeito que estamos avaliando. Os sujeitos da Educação Básica, crianças, jovens e adultos em geral, oriundos das classes assalariadas, urbanas ou rurais, de diversas regiões e com diferentes origens étnicas e culturais devem ter acesso ao conhecimento produzido pela humanidade que, na escola, é veiculado pelos conteúdos das disciplinas escolares. (FRIGOTTO, 2004).

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica:

Propõe-se formar sujeitos que construam sentidos para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos

e que, pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade. (PARANÁ, 2008, P.31)

Para Stefanello (2009, p.66) o processo de aprendizagem:

Tende a ocorrer a partir do interesse e do entusiasmo do aluno pelo conteúdo, pois ele, passado de objeto a sujeito do processo, é despertado para conteúdos que são oriundos de sua realidade e que estavam latentes e que agora podem ser explicitados ou desenvolvidos, pois as circunstâncias de ensino- aprendizagem se manifestam propícias para tal.

Nessa perspectiva, a avaliação escolar durante o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia deve contribuir para a análise e para a compreensão das dificuldades apresentadas pelos alunos, direcionando o olhar do educador para as mudanças essenciais, assim, a escola tende a se fazer mais próxima da comunidade, no atual contexto histórico e no espaço geográfico onde os alunos estão inseridos.

A AVALIAÇÃO FORMATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Na busca de um novo sentido para a avaliação escolar durante o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, acredita-se que a avaliação é um processo pelo qual se observa, se verifica, se analisa e se interpreta a construção e a reconstrução do conhecimento pelos educandos.

De acordo com Cardinet (1993, p.11), “a avaliação é considerada atualmente como um ponto de partida privilegiado para o estudo do processo de ensino- aprendizagem”.

Por isso, é fundamental mencionar a necessidade de uma alteração na cultura de avaliação. Segundo Lopes e Silva:

Uma alteração na cultura de avaliação deveria promover a avaliação, como parte integrante do processo de ensino- aprendizagem, e estabelecer uma prática de avaliação na sala de aula que facilitasse a aprendizagem e o ensino e promovesse a autoavaliação. (LOPES; SILVA, 2012, p.03)

Nesse sentido, quando se ensina é necessário repensar o que avaliar. Avaliar o que o aluno aprendeu, o desenvolvimento do aluno, o seu envolvimento no processo, também suas necessidades e seus interesses. Seria importante, também, avaliar o professor, suas ações e reações, a metodologia adotada pela escola e a adequação do material e dos métodos utilizados.

É importante, ainda, destacar que avaliar um aspecto só gera uma visão incompleta do processo ensino-aprendizagem.

Então, outro questionamento deve ser feito: para que avaliar? Avaliar para colher as informações necessárias à reorientação das práticas pedagógicas, avaliar para coletar dados relevantes que permitam perceber o estado de aprendizagem do aluno, avaliar para detectar

quais as aprendizagens que foram consolidadas e quais dificuldades foram apresentadas ao longo do processo, e então definir quais as estratégias de intervenção necessárias a seus avanços.

Segundo Perrenoud (1999, p.53), “avalia-se sempre para agir.” Para completar essa reflexão, é importante ter em mente como avaliar.

Existem muitas formas de avaliar. O ideal é que várias formas de avaliação sejam usadas durante o processo educativo, pois cada uma delas é formada por elementos diferentes e focaliza momentos distintos.

Partindo desse pressuposto, como a avaliação formativa pode interferir positivamente na relação pedagógica?

Ainda de acordo com Perrenoud (1999, p.103-104), “é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

A avaliação formativa exige do docente a coleta de informações relativas aos saberes cotidiano já construído pelos educandos, articulá-los com os conceitos científicos, para só assim, posteriormente, consolidar as intervenções necessárias contribuindo para a melhoria no processo ensino-aprendizagem.

A respeito disso, Villas Boas (2012, p.36), afirma que a avaliação formativa é aquela que:

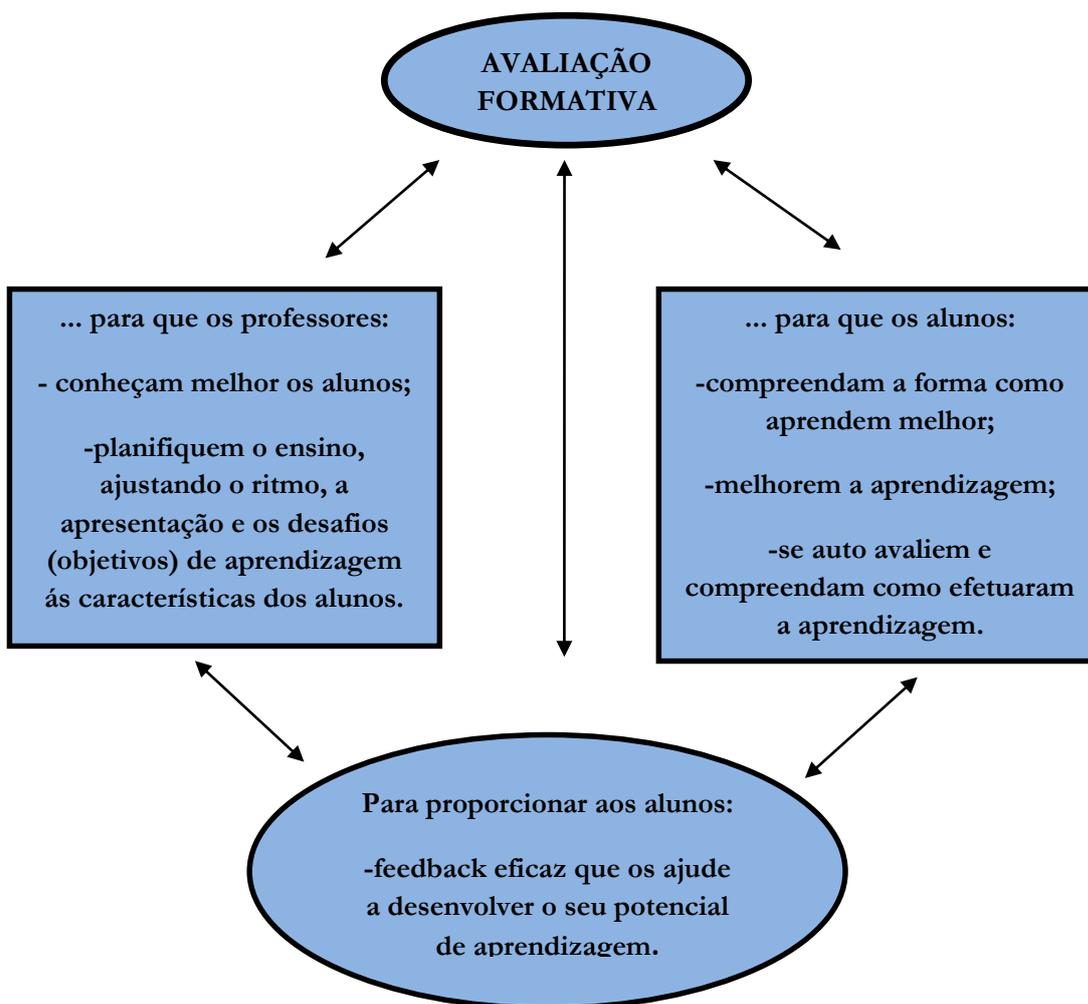
Usa todas as informações disponíveis sobre o aluno para assegurar sua aprendizagem. A interação entre professor e aluno durante todo um período ou curso é um processo muito rico, oferecendo oportunidade para que se obtenham vários dados. Cabe ao professor estar atento para identificá-los, registrá-los e usá-los em benefício da aprendizagem.

Os três principais objetivos da avaliação formativa são: “avaliação para a aprendizagem, avaliação como aprendizagem e avaliação da aprendizagem”. (LOPES, SILVA, 2012, p.3)

Portanto, as atividades de avaliação para a aprendizagem e a avaliação como aprendizagem têm caráter formativo. De acordo com Lopes e Silva (2012, p.5), a sua finalidade ou objetivo é:

Que os alunos melhorem o seu rendimento escolar. Para isso, devem ser partes integrantes do processo de ensino-aprendizagem e fontes de *feedback* interativo, permitindo aos alunos repensar a sua aprendizagem, ajustá-la e reaprender.

Figura 1 - Avaliação Formativa



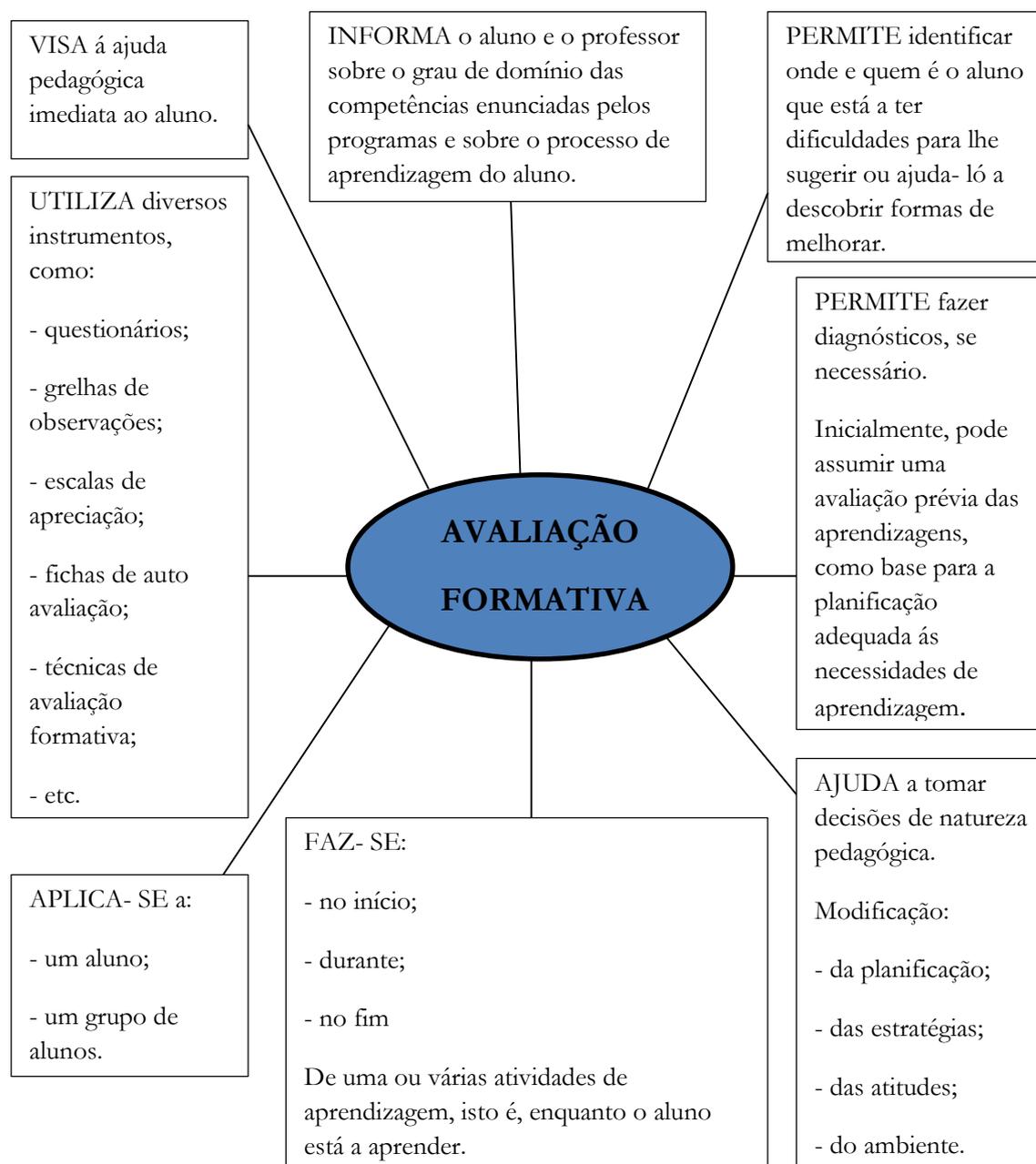
Fonte: Lopes e Silva, 2012, p.05.

Em razão do exposto, é importante destacar que a avaliação formativa deve ser concebida como:

[...] um processo ativo e intencional que envolve professores e alunos na recolha sistemática de dados sobre a aprendizagem. Inclui todas as atividades em que professores e alunos obtêm informações sobre como decorre a aprendizagem e os utilizam para modificar o ensino e a aprendizagem, com o objetivo expresso de melhorar o desempenho dos alunos. (LOPES E SILVA, 2010, p.13).

A avaliação formativa envolve dois componentes fundamentais: a avaliação para a aprendizagem e a avaliação como aprendizagem.

Figura 2: Avaliação Formativa



Fonte: Lopes e Silva, 2012, p. 14.

Para que a avaliação formativa ocorra efetivamente é necessário que haja uma ação conjunta entre os sujeitos da aprendizagem e o docente, num processo de mediação do conhecimento. Para que a avaliação formativa tenha bons resultados, é imprescindível que o professor tenha bem definido quais são os objetivos a serem alcançados e que os alunos estejam dispostos a aprender. Nessa interação professor-aluno-conhecimento será importante o trabalho com a autoavaliação, a qual possibilitará aos educandos repensar e refazer suas atividades.

É importante ressaltar o poder duplo da avaliação no que se refere ao *feedback*, ou seja, é através do *feedback* que os professores tomam conhecimento dos resultados obtidos nas aulas e nas atividades desenvolvidas. O *feedback*, também, possibilita aos alunos verificar se o seu trabalho corresponde às expectativas e às metas de aprendizagem e objetivos pretendidos. Sendo assim, é por meio das revisões, que tanto o professor quanto o aluno poderão fazer, que contribuirá para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. (LOPES E SILVA, 2012, p.15).

O processo de avaliação formativa está diretamente baseado em três questões fundamentais: “Para onde vou? Onde estou agora? Qual a estratégia ou estratégias que me podem ajudar a chegar até onde preciso?” (LOPES E SILVA, 2012, p.15).

Estas questões orientam tudo o que o professor faz, tudo o que faz o aluno, e tudo o que os professores e os alunos fazem juntos; “a definição de metas de aprendizagem a atingir na próxima etapa de aprendizagem, avaliar os níveis atuais de compreensão dos alunos relativamente às mesmas e trabalhar estrategicamente para reduzir a distância diagnosticada”. (LOPES E SILVA, 2012, p. 15).

O docente, então, deverá diversificar as técnicas e as metodologias principalmente os instrumentos de avaliação; tais como: interpretação e produção de textos de Geografia; pesquisas bibliográficas; relatórios de campo; interpretação de fotos, imagens, tabelas, gráficos e mapas; apresentação e discussão de temas em seminários; construção, representação e análise do espaço através de maquetes; portfólios; relatórios individuais; trabalhos individuais e em grupos; jogos pedagógicos, mapas conceituais, croquis entre outros.

A avaliação faz parte do processo ensino-aprendizagem e, por isso, deve tanto conduzir a aprendizagem dos educandos, quanto guiar o trabalho do docente em sala de aula. (PARANÁ, 2008).

Sobre isso ainda, as DCE (PARANÁ, 2008, p.86) dizem que “a avaliação permite a melhoria do processo pedagógico somente quando se constitui numa ação reflexiva sobre o fazer pedagógico”.

Com isso, o objetivo principal da avaliação é a aprendizagem, tendo em vista que se verifica o que o aluno aprendeu ou o que precisa ainda rever, além de possibilitar ao professor a reflexão sobre sua prática docente.

O mesmo documento trata a avaliação como parte integrante do trabalho dos docentes, uma vez que “não deve ser somente a avaliação do aprendizado do aluno, mas também uma reflexão das metodologias do professor, da seleção dos conteúdos, dos

objetivos estabelecidos e podem ser um referencial para o redimensionamento do trabalho pedagógico.” (PARANÁ, 2008, p.86).

As DCE destacam:

A avaliação escolar deve constituir um projeto de futuro social, pela intervenção da experiência do passado e compreensão do presente, num esforço coletivo a serviço da ação pedagógica, em movimentos na direção da aprendizagem do aluno, da qualificação do professor e da escola. Nas salas de aula, o professor é quem compreende a avaliação e a executa como um projeto intencional e planejado, que deve contemplar a expressão de conhecimento do aluno como referência para uma aprendizagem continuada. (PARANÁ, 2008, p.32).

As Diretrizes Curriculares de Geografia valorizam a noção de que o educando possa durante e ao final de todo o percurso pedagógico, avaliar a realidade socioespacial em que vive, podendo transformá-la, sempre que necessário, onde quer que esteja; e também desenvolva a capacidade de analisar os fenômenos geográficos e relacioná-los quando possível, entre si.

Luckesi (2002, p.117) define avaliação como “crítica de um percurso de ação.” Tanto o educador quanto o educando terão, por meio dela, oportunidades de rever e sanar as lacunas em seu aprendizado ou prática pedagógica, adquirindo, assim, conhecimento e experiência.

Fica evidente que a avaliação da aprendizagem deve contribuir para o desenvolvimento pessoal do educando, a partir do processo de ensino- aprendizagem e cumprir sua responsabilidade social de educar as novas gerações.

Em suma, a avaliação escolar deve ser vista não como um fim, mas como uma parte fundamental do processo ensino-aprendizagem, onde o docente pode identificar os avanços e as dificuldades do seu trabalho e reorganizar a sua prática pedagógica em busca de atingir os objetivos da aprendizagem, em um processo contínuo e acumulativo. Avaliar é observar, acompanhar e orientar com atenção todo o processo, pois a avaliação está presente no dia a dia e em todos os momentos da nossa vida.

O PORTFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO FORMATIVA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Como avaliar fazendo uso de outros instrumentos, que não se restrinjam apenas aos testes e provas?

Sobre isso, as DCE enfatizam que “os instrumentos de avaliação devem ser pensados e definidos de acordo com as possibilidades teórico-metodológicas que oferecem para avaliar os critérios estabelecidos”. (PARANÁ, 2008, p.32)

Cabe ao docente selecionar e organizar o instrumento de avaliação mais pertinente para cada conteúdo a ser trabalhado, pois, a utilização de apenas um único tipo de instrumento de avaliação restringe a possibilidade de análise e de observação dos processos cognitivos dos alunos, tais como: observação, percepção, descrição, argumentação, análise crítica, curiosidade, interpretação, criatividade, formulação de hipóteses, memorização, dentre outros.

Na busca por alternativas para diversificar e melhorar a prática pedagógica na disciplina de Geografia propôs-se a utilização do Portfólio como um instrumento que mobiliza o educando para a aprendizagem.

Hernandez entende o portfólio como:

Um continente de diferentes classes de documentos (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controles de aprendizagem, conexões com outros temas fora da Escola, representações visuais, etc.) que proporciona evidências do conhecimento que foi sendo construído, das estratégias utilizadas para aprender e das disposições de quem o elabora em continuar aprendendo. (HERNANDEZ, 1998, p.100).

Por que e para que o Portfólio nas aulas de Geografia? Espera-se do ensino de Geografia, o desenvolvimento dos alunos, de forma que estes possam entender a dinâmica socioespacial do mundo, tendo como ponto de partida a sua realidade, na dimensão de nela atuar criticamente, objetivando a sua transformação. Villas Boas (2012, p.37) ainda acrescenta que “o portfólio é um dos procedimentos de avaliação condizentes com a avaliação formativa”.

Por essa razão, acredita-se que o uso desse instrumento avaliativo, por ser interativo e dinâmico, contribui para a superação dos alunos nas aulas de Geografia. Com isso busca-se uma geografia desafiante, “uma geografia educadora”, como nos mostra Rego (2007, p.9).

Sendo assim, a Geografia na sala de aula deve oportunizar aos educandos a compreensão das relações socioespaciais em suas mais diversas contradições, que se estabelecem diariamente em seu lugar-mundo, de forma que assegure o entendimento do espaço geográfico em sua totalidade.

Portanto, deve-se repensar sobre o ensino de Geografia, rever a base teórico-metodológica, investigar o modo como se ensina e como se aprende, partindo da seleção dos conteúdos programáticos, da utilização dos recursos técnicos e materiais, da estratégia de ensino e da avaliação.

Callai afirma que:

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele percebesse como participante do espaço que estuda. Não é aquela geografia que mostra um

panorama da terra e do homem, fazendo a catalogação enciclopédia e artificial, em que o espaço considerado e ensinado é fracionado e parcial, e onde o aluno é um ser neutro, sem vida, sem cultura e sem história. O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando, não fora. Este é o desafio: fazer da geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações. (CALLAI, 2003, p.58)

O ensino de Geografia deve possibilitar a construção do raciocínio geográfico e a apreensão da realidade pelo aluno sob o ponto de vista da espacialidade, entendendo o espaço como resultado das práticas espaciais no cotidiano do lugar. Dessa forma, desenvolve-se a capacidade de leitura crítica do lugar-mundo, o que favorece a prática de cidadania numa perspectiva social, histórica, econômica, cultural e ambiental.

Ademais, para Cavalcanti (1998, p.24):

[...] o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. [...] A finalidade de ensinar Geografia para as crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço.

Fica evidente então, que as ações metodológicas selecionadas e organizadas pelo docente devem estar de acordo com os objetivos, com as práticas e com os instrumentos avaliativos. O processo avaliativo não ocorre separado do processo de ensino e aprendizagem.

Então, o que avaliar considerando o desenvolvimento do raciocínio geográfico?

É fundamental nas aulas de Geografia que as atividades, as estratégias e as avaliações escolares possibilitem situações devidamente contextualizadas, problematizadas e instigantes, tendo como foco o desenvolvimento do raciocínio geográfico, a construção e a reconstrução do conhecimento e o uso de diferentes linguagens durante o processo educativo.

Instigar e utilizar o posicionamento dos alunos, problematizar os temas, os conteúdos e trazer recursos e instrumentos diversificados para as aulas de Geografia que despertem o interesse dos alunos, podem contribuir para a inserção deste como sujeito ativo do processo pedagógico.

Castrogiovanni diz que:

O professor não deve esquecer que a percepção espacial de cada indivíduo ou sociedade é resultado, também, das relações afetivas e de referências socioculturais. Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo trabalho é prazeroso, mas os resultados nem sempre são imediatos. A maior vitória do professor é a vitória interna, aquela de alcançar a satisfação em ser professor no dia a dia. (CASTROGIOVANNI, 2007, p.46).

A função do professor seria simplificar os saberes, tornando-os menos complexos e possibilitar que o seu ensino, em qualquer nível de compreensão permita a passagem do senso comum (conhecimento cotidiano) para o conhecimento científico.

Afinal, avaliar é a forma que o docente utiliza para provocar uma mudança na postura de aprendizagem do aluno. Sob tal enfoque, entende-se que avaliar é analisar a prática pedagógica de todos os envolvidos, com o objetivo de corrigir rumos e repensar situações para que a aprendizagem ocorra. Ao avaliar a aprendizagem dos alunos, está se avaliando a prática dos professores, a gestão e o currículo escolar, bem como o próprio sistema de ensino como um todo.

Com base nesse contexto, é função do docente regular a sua ação e, ao aluno, se conscientizar dos erros cometidos, das suas dificuldades e buscar a verdadeira aprendizagem.

Assim, tanto o professor, quanto o aluno, por meio da interpretação dos resultados, numa relação de diálogo, confiança e acompanhamento, regulam as ações com o objetivo de corrigir e melhorar o desempenho do aluno em sala de aula.

Dessa forma, o docente desenvolve uma avaliação formativa.

Fernandes e Freitas ressaltam que:

Outro aspecto fundamental de uma avaliação formativa diz respeito à construção da autonomia por parte do estudante, na medida em que lhe é solicitado um papel ativo em seu processo de aprender. Ou seja, a avaliação formativa, tendo como foco o processo de aprendizagem, numa perspectiva de interação e de diálogo, coloca também no estudante, e não apenas no professor, a responsabilidade por seus avanços e suas necessidades. Para tal é necessário que o estudante conheça os conteúdos que irá aprender, os objetivos que deverá alcançar, bem como os critérios que serão utilizados para verificar e analisar seus avanços de aprendizagem. Nessa perspectiva, a auto-avaliação torna-se uma ferramenta importante, capaz de propiciar maior responsabilidade aos estudantes acerca de seu próprio processo de aprendizagem e de construção da autonomia. (FERNANDES; FREITAS, 2007, p.22).

Como visto, a avaliação formativa exige o diagnóstico individualizado e a adaptação da ação pedagógica visando à aprendizagem de cada um dos alunos, ou seja, é necessário que o professor observe cada sujeito e direcione as suas ações buscando atingir a todos, em suas individualidades, através da utilização de atividades contextualizadas, diversificadas e desafiadoras.

Nesse sentido, através da avaliação formativa, o docente tem a possibilidade de acompanhar, orientar e mediar todos os passos de seus alunos durante o processo ensino-aprendizagem a fim de contribuir para que todos possam atingir, com sucesso, os objetivos e as aprendizagens pretendidas.

Desse modo, pode ser verificado se a metodologia aplicada tem sido eficaz ou não para aprendizagem dos conteúdos. Logo, a avaliação formativa deve guiar o trabalho escolar como um todo, utilizando, para isso, de instrumentos diversificados, selecionados de acordo com o conteúdo ou objetivo. Com certeza, o aluno precisa ser envolvido no processo de avaliação, uma vez que também é construtor do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho pedagógico na disciplina de Geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados no dia a dia, na família, na escola, no trabalho, nas instituições que poderá participar, aumentando seu nível de consciência crítica sobre as responsabilidades, os direitos sociais, a fim de efetivamente ser um agente ativo e transformador na sociedade atual.

Isso mostra que é necessário buscar alternativas para romper com as dificuldades encontradas, tornando a aula mais instigante e interativa, para que os alunos se percebam como atuantes no espaço geográfico em que vivem, criem autonomia, problematizem e busquem soluções viáveis para os problemas que os cercam.

Algumas práticas pedagógicas para a disciplina de Geografia, atreladas aos fundamentos teóricos já citados, tornam-se importantes instrumentos avaliativos para o entendimento do espaço geográfico, dos conceitos e das relações socioespaciais nas diversas escalas geográficas, tais como: fichas de acompanhamento, autoavaliação, avaliação em grupo, reflexões sobre erros e acertos do aluno e do professor, portfólios, mapas conceituais, croquis, relatórios, diálogos, imagens (fotos e/ou mapas, ilustrações, gráficos) leitura e interpretação de textos, (jornais, revistas e livros seguidos de questões que desenvolvam as habilidades de interpretação, argumentação e método investigativo), infográficos, leitura de imagens, diferentes linguagens (música, poesia, fotografia, quadrinhos, pinturas, entre outros) para desenvolver a observação e a interpretação das informações apresentadas, aula de campo, entrevista com moradores, maquetes, murais, análise de fotos antigas, filmes, trechos de filmes, programas de reportagem e imagens em geral, slides, charges, ilustrações, jogos pedagógicos, recursos áudio visuais, pôsteres, cartões postais, outdoors, cartografia, literatura, obras de arte, dentre outros.

Sob essa perspectiva, toda prática de avaliação formativa deve levar em consideração todo o processo educativo e não somente os resultados; reconhecer que é sempre parte do processo educacional, escolar e da sala de aula; promover observações, reflexões, registros e discussões aprofundadas e qualificadas dos problemas (origens, causas

e consequências); estimular a busca por outros instrumentos avaliativos e finalmente se ater aos resultados encontrados para, assim, reformular e organizar as possíveis soluções, reorientando a prática pedagógica em sala de aula.

Em suma, este texto pretende em consonância com a prática docente, contribuir para que a avaliação formativa em Geografia se torne um instrumento para a construção e reconstrução do conhecimento geográfico.

O resultado da avaliação formativa deve proporcionar informações que permitam a reflexão sobre a ação pedagógica, contribuindo para que a escola e o docente possam reorganizar os conteúdos, os instrumentos avaliativos e o método de ensino. A avaliação formativa exige observação, registro, reflexão e intervenção pedagógica. Nesse sentido, o portfólio é um instrumento que mobiliza os educandos para essa compreensão, pois, para construí-lo, necessita-se de uma profunda reflexão sobre as atividades realizadas e sobre os momentos oportunizados pelo docente no ambiente escolar.

Logo, cabe à geografia escolar possibilitar ao aluno descobrir o mundo, atentando para os fenômenos geográficos em escala que vai do local ao global e vice-versa. É preciso vencer essas dificuldades para tornar significativo o contexto das aulas de Geografia para os alunos, sendo que a ciência geográfica, por tratar diretamente com a realidade, possibilita ao docente trabalhar com os mais variados temas e conteúdos na escola, identificando aquilo que é realmente significativo de ser avaliado para cada faixa etária, organizando as ações metodológicas e definindo as práticas avaliativas mais pertinentes para o trabalho pedagógico.

A avaliação no ensino de Geografia deve favorecer a observação, o acompanhamento, o desenvolvimento e a aprendizagem do educando, ou seja, deve situar-se no centro da ação de formação, informando tanto ao educador como ao educando dos resultados reais do trabalho pedagógico. A avaliação escolar só tem sentido se tiver como finalidade o desenvolvimento individual dos educandos em todo o processo pedagógico para que, identificadas às causas do sucesso ou do fracasso, sejam estabelecidas novas estratégias de enfrentamento da situação.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. (org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CARDINET, Jean. **Avaliar é medir?** Porto: Edições Asa, 1993.

CARVALHO, Alcione Luis Pereira, FILIZOLA, Roberto. **A avaliação em geografia nas séries iniciais**. Curitiba: UFPR, 2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. et al. (org.) **Ensino de Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDUCRS, 2007.

_____. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. *Currículo e avaliação*. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (org.). **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Sujeitos e conhecimentos: os sentidos do ensino médio**. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. *Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho*. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

HERNANDEZ, Fernando. **A avaliação como parte do processo dos projetos de trabalho**. In: *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos. **50 Técnicas de Avaliação Formativa**. Lisboa: Lidel, 2012.

_____. **O professor faz a diferença**. Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos. Lisboa: Lidel- Edições Técnicas, Lda. 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 12 ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Educação Básica**. Geografia. Curitiba: 2008.

PÉREZ GÓMEZ Ángel Ignacio. **Ensino para a compreensão**. In: SACRISTAN, José Gimeno (Org.). *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REGO, Nelson. Geografia educadora, isso serve para. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: prática pedagógica para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.